

A Paineira de Euclides

Guilherme de Almeida

Sol — céu limpo — 37º. aniversário da morte de Euclides da Cunha: o dia é oiro sôbre azul tarjado de luto.

É a coroação da Semana Euclidiana.

Vou pela rua regada, que leva à ponte. Desço os degraus altos de tijolo, até a margem ajardinada, mansa de verdade na frescura das sombras. O rio corre espumado pelas pedras pretas e cortado. Nos bancos, ao longo da beira folhuda, os pares de amor olham, perdidos, o líquido chamalote do remanso. Pela ponte, entre a cidade de terracota e o Cristo Redentor de cimento claro, passa o brilho de metal e verniz de um auto silencioso.

Atrás da redoma religiosa que guarda a relíquia — o santuário de concreto e vidro, emborcado sôbre o sagrado barraco de zinco e sarrafos — uma velha painei-

ra braceja. Já estoiram os gomos das suas cápsulas, soltando ao ar d'oirado o vôo nupcial dos flocos alvos e leves.

Chego-me bem ao seu tronco exageradamente grosso, emergindo, atlético, dos tentáculos do forte sistema radicular do polvo. E olho para cima.

Não é um tronco de árvore: é um tronco humano. Uma cariátide hercúlea que se alça, rigorosamente anatômica, em músculos distendidos; e, lá do alto, contra tôdas as leis vegetais, baixa de-repente sôbre a cabana histórica os seus braços olímpicos empolados de bíceps brutos de bronze.

Aquelas outras paineiras, ali em-cima, à entrada da ponte, são árvores. Estas aqui em-baixo, é gente. Aquelas, vegetais, sobem pedindo benções; esta, humana, baixa abençoando...

No seu simbólico e estupendo antropomorfismo, a predestinada paineira de Euclides é um encontro de dois dentre os três reinos da natureza. A sua sombra, um quarto reino se perpetrou: o espiritual.

TAPEJARA **14** Maio de 1954